



**MIGRAÇÃO SULISTA PARA O NORTE DO MATO GROSSO:
o discurso do sujeito sulista frente o multiculturalismo na região de fronteira agrícola da
Amazônia Norte mato-grossense**

Fernando Hélio Tavares de Barros¹

Margarida Korpalski**

RESUMO

Este estudo pretende analisar o discurso do sujeito migrante sulista e seu descendente frente ao multiculturalismo na Região Norte mato-grossense. Para a análise do *corpus* utilizamos os pressupostos da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, apoiando-se nos textos de Eni Orlandi, Freda Indursky, Michel Pêcheux. Este artigo propõe uma reflexão sobre os processos de identificação deste sujeito com o espaço e a diversidade cultural da nova terra, a Região Norte do Estado de Mato Grosso.

Palavras-chave: Sujeito sulista. Multiculturalismo. Análise do Discurso. Norte do Mato Grosso.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo analisará discursos de sujeitos inseridos no processo sócio-histórico de colonização da região do entorno de Sinop, dentro da Região Norte do Estado de Mato Grosso, esta que é uma fronteira agrícola na Amazônia Legal fruto da ‘Marcha para o Oeste’; projeto criado durante o governo Vargas (1940).

¹ Graduando do oitavo semestre do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT) – *Campus* Sinop, MT. Faz parte do grupo de orientação da Profa Dra. Tânia Pitombo de Oliveira (UNEMAT) – *Campus* Sinop, MT. Atua nas áreas de pesquisa da Análise de Discurso e Sociolinguística, com afinidade aos temas relacionados às línguas minoritárias de imigração e sujeito e Identidade Norte mato-grossense.

** Professora da Escola CEJA Silva Freire, Licenciada em Letras, com habilitação Língua Portuguesa/Língua Inglesa e suas respectivas literaturas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) *Campus* de Sinop, MT. Participante voluntária no Projeto: **TECER DE UMA DISCURSIVIDADE NA REGIÃO NORTE MATO-GROSSENSE DA AMAZÔNIA LEGAL**: contextos e possibilidades de desenvolvimento frente à sustentabilidade coordenado pela Professora Dra. Tânia Pitombo Oliveira. Atua nas áreas de pesquisa da Análise de Discurso, com afinidade aos temas relacionados à migração e Identidade Norte mato-grossense.

O presente estudo propõe uma análise discursiva do sujeito migrante sulista e seu descendente frente ao multiculturalismo presente no Norte mato-grossense. Sabe-se que diversas identidades nacionais migraram para a referida região, principalmente após 1970, sendo que o povo sulista marca-se em uma posição de pioneirismo.

Pretende-se inicialmente expor a historicidade dos processos de ocupação dos pontos geográficos escolhidos, por meio de estudos já realizados sobre as colonizações da Região Norte do Estado de Mato Grosso (doravante RNEMT²) ERARDI (2007), PICOLI (2003), OLIVEIRA (2011), SCHAEFER (1985), SOUZA (2000). Para compreensão do *corpus* constituído a partir de entrevistas semi-dirigidas com sujeitos que migraram do Sul do Brasil ou descendentes de migrantes sulistas, utilizaremos a metodologia da Análise de Discurso de linha francesa (AD), como suporte teórico os textos de Eni Orlandi, Michel Pêcheux, Freda Indursky.

Ao falar da migração do povo sulista para RNEMT é necessário mencionar o início desse processo. O primeiro registro de migração sulista para a RNEMT materializa-se no empreendimento da Colonizadora Noroeste mato-grossense (CONOMALI), firma dos Irmãos Mayer Ltda. de Santa Rosa – RS, com o início da expedição e fundação da Gleba Arinos (hoje, Porto dos Gaúchos - MT) em 1955.

Fotografia 01 - Partida de Santa Rosa – RS das famílias gaúchas em direção a Gleba Arinos (atual Porto dos Gaúchos) para se radicar no Norte de Mato-Grosso, 19 de Março de 1956.



Fonte: Colonizadora Conomali.

² Sigla elaborada pelos autores.

Em relação à colonização da cidade de Porto dos Gaúchos, temos alguns registros históricos que relatam o acontecimento, como aborda o Jornalista Walter Irgang (in: Oliveira, 2011, p.19) em uma reportagem do Jornal O Estado de Mato Grosso na data de (04/05/1994) “[...] com o objetivo de desenvolver um projeto de colonização no Mato Grosso, em 1954 os proprietários da empresa Irmãos Meyer Ltda., de Santa Rosa, RS, constituíram a Colonizadora Noroeste Matogrossenses Ltda – Conomali.” Ainda conforme a reportagem, após algumas pesquisas Guilherme Meyer adquiriu mais de 200 mil hectares de terras, localizadas na margem direita do rio Arinos.

Segundo Oliveira (2011, p.20) “[...] a colonizadora Conomali presidida por Guilherme Meyer, o Willy, [...] teve o zelo de contratar o Jornalista Walter Irgang para relatar e fotografar o início daquela história.” Esta que teve seu início com a saída de uma expedição integrada por 20 homens e chefiada por Alfredo Carlson, ex-prefeito de Santa Rosa originária para a colonização e demarcação da então Gleba Arinos, em 23 de março de 1955.

Em 19 de março de 1956, de acordo com Oliveira (Idem, p. 21), “oito famílias, somando 83 pessoas, partiram de Santa Rosa (RS) com destino à então Gleba Arinos que, mais tarde, viria a ser Porto dos Gaúchos”

Fotografia 02 - Família Abegg recém chegada à Gleba Arinos, Porto dos Gaúchos – MT 1956.



Fonte: Colonizadora Conomali.

Segundo Oliveira (2011, p.26) a colonização de Porto dos Gaúchos foi “[...] um dos trampolins para o impulso de integração da Amazônia mato-grossense, destacando a criação e

o desenvolvimento de municípios como Sinop, Alta Floresta, Colider, Juína e Aripuanã.” Para história da Amazônia norte mato-grossense Porto dos Gaúchos marca o início da migração sulista para a RNEMT.

Assim como Porto dos Gaúchos, Sinop foi colonizada por migrantes vindos da região sul do Brasil, para Souza (2001, p.14), Sinop é “[...] uma cidade projetada, planejada com os requisitos de um centro urbano de importância regional. Outro aspecto que a distingue é a sua localização numa zona de povoamento recente (décadas de 70 e 80), pioneira à época de sua fundação (1974)”.

Para entender e considerar Sinop uma cidade cosmopolita atualmente, faz-se necessário retomar sua história de colonização, pois essa foi parte integrante do plano do Governo Federal na década de 70 que através de incentivos fiscais, aberturas de rodovias e projetos de colonização, atraiu colonizadoras para a RNEMT. Desta forma de acordo com Erardi (2007, p.21);

A colonizadora Sinop – Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná, com sede na cidade de Maringá, que já possuía vasta experiência de colonização no Estado do Paraná, onde implantou várias cidades como, Ibiporã, Ubitatã, Formosa do Oeste, Jesuíta e outras; adquire, em 1970, no norte de Mato Grosso, uma área denominada Núcleo Colonial Celeste – Gleba Celeste

Após a aquisição da área de 369. 017 hectares foi implantado o projeto de colonização onde surgiram as cidades de Vera, Santa Carmem e a cidade que recebeu como nome a sigla da colonizadora, Sinop. Ainda conforme Erardi (Idem, p.22) “[...] pouco tempo depois a colonizadora incorpora a Gleba Celeste, outra área com 275.983 hectares, onde seria implantada a cidade de Cláudia.”

Enquanto a colonizadora desbravava a Gleba Celeste com o seu primeiro grupo de trabalho chefiado por Ulrich Grabert e pelo Agrimensor Carlos Benito Spadoni para a demarcação da área, ocorria simultaneamente no Sul do Brasil a divulgação do projeto como aborda Souza (2001, p.15);

Nos Estados do Sul do país, desenvolveram-se programas de divulgação, incentivando e mobilizando as pessoas para que viessem para Mato Grosso, projetando o mito da *terra boa que tudo produz*. Só faltava a mão do trabalhador (sulista, paranaense), trazendo toda uma tradição de trabalho no campo.

A partida dos colonos do Sul do Brasil para as novas regiões, conforme Santos (1993, p. 79-80), “[...] foi um fenômeno coletivo [...] havia uma falta de terras [...] era o momento propício para propagar a ‘influência’, isto é, a difusão dos comentários, das opiniões, das motivações coletivas, até mesmo dos projetos de vida.” Como aborda o autor, essa influência

pode ser compreendida como uma mensagem sobre a colonização “[...] para fazer nascer uma opinião coletiva capaz de gerar uma prática.”

Já para as famílias, o fato de migrar estava ligado à busca de melhores condições de vida, que segundo Picoli (2004, p. 28), vinham em busca do “mel”, palavra metaforicamente usada pelo autor para representar o sonho das pessoas que se deslocaram para a Amazônia em busca de riqueza e de uma vida nova. Estas “[...] carregam o sonho de uma vida melhor e buscam a dignidade para si e seus familiares na utilização da terra. Na fotografia a seguir temos a dimensão do início da cidade de Sinop:

Fotografia 03 - Vista aérea da cidade de Sinop: 1974.



Fonte: ERARDI (2007, p. 45)

Como aborda Souza (2001, p. 137) “[...] A cidade de Sinop é percebida, inicialmente, como um lugar de fartura e de liberdade, uma “terra prometida”, [...] para camponeses sulistas que vinham em busca de melhores condições de vida e trabalho para as suas famílias.” Ultimamente o que se percebe é que se somam a estes fatores outras características significativas de expansão, pois regionalmente é uma cidade pólo em educação e saúde, entre outros serviços que são utilizados por pessoas das cidades vizinhas, constituindo-se uma cidade cosmopolita.

2 A MULTICULTURALIDADE TECENDO A IDENTIDADE NORTE MATO-GROSSENSE

Acreditamos que a presente pesquisa é de grande relevância, pois pretendemos contribuir para estudos sobre os processos de formação identitária na RNEMT, já que a referida região recebeu migrantes de vários lugares do Brasil, mas principalmente da região Sul, e essas pessoas convivem com outras culturas provenientes dessas várias regiões. Tal observação conduziu-nos a questionamentos que motivaram este artigo, tais como: Qual o discurso do sujeito migrante sulista em relação à convivência com outras culturas?

Para nossas entrevistas elaboramos questões muito simples, pois conhecedores de que o sujeito se constitui na e pela linguagem e que não há como separar o sujeito da sua história, nem de sua memória, buscamos com este artigo, fazer uma análise do discurso desses sujeitos migrantes e de um descendente de migrantes nascido na RNEMT.

Nesse sentido, elaboramos o seguinte questionário: O que tem de diferente aqui em Sinop da região que você morava antes? Como é morar em Sinop? Como são as pessoas do Mato Grosso? Você vê uma diferença do povo de lá com o povo daqui, por exemplo, o jeito de conviver com as pessoas, a questão da comida, os hábitos?

No quadro abaixo apresentamos as características de cada sujeito entrevistado, como o sexo, a cidade de origem, idade e sua identificação como migrante ou descendente, nascido na RNEMT. Decidimos não identificar os sujeitos com os seus nomes reais, portanto, usamos as letras do alfabeto (A, B, C, etc.) para identificação da ordem dos informantes. As sequências discursivas estão representadas pelas siglas SD, e sua ordem se dá por meio indicativos numéricos.

Tabela 01 – descrição dos sujeitos pesquisados

Informante	Sexo	Cidade de origem	Idade	Característica do Informante
Sujeito A (SJA)	Masculino	Sinop (MT)	26	Descendente
Sujeito B (SJB)	Feminino	Santo Antonio do Meio (SC)	54	Migrante
Sujeito C (SJC)	Feminino	Erechim (RS)	57	Migrante
Sujeito D (SJD)	Feminino	Romelândia (SC)	35	Migrante
Sujeito E (SJE)	Masculino	Santa Rosa (RS)	67	Migrante

Fonte: Elaborado pelos autores, 2012

Para nossas análises, utilizamos apenas algumas sequências discursivas, pois acreditamos que de maneira concisa já é possível compreender os sentidos, estes que apontarão para qual formação discursiva estão inscritos os sujeitos-enunciadores e qual

formação imaginária lhes ocorre em relação à multiculturalidade na RNEMT, posteriormente apresentamos algumas contribuições reflexivas apoiados pela linha teórica da AD.

SD 01- SJA – daqui, olha é que o daqui é maioria que veio de lá né. Então a base formada aqui geralmente é do Paraná, santa Catarina, Rio Grande do sul então não muda muito o contexto né, o que é diferente, por exemplo, quem veio do norte pra cá, entendeu? Isso tem diferença, o valor da cultura, também tudo mais.

SD 02- SJA – isso muda um pouco, a questão da comida muda um pouco, porque aqui tem um tipo, uma variação e lá a culinária é totalmente italiana né. Então o jeito de preparar as coisas, as massas etc.. é diferente daqui né, aqui é um pouco diferente mesmo, até por exemplo a mandioca lá era difícil de ver fazer, aqui já faz parte do churrasco, sem a mandioca não existe, um exemplo né, mas o padrão de vida lá era mais, o pessoal investe muito no lar, você já reparou isso?

SD 04- SJA – Lá, então, as pessoas investe mais no lar, tipo as vezes gasta tudo o que ganha fazendo uma casa, mexendo na casa a vida toda. Nem sempre tem um investimento pra render diferente daqui né.

SD 05 – SJB - Na época que comecei a trabalhar na escola a diretora queria contratar pessoas que vinham daquela região, mais lá do Sul né... porque o povo de lá é mais caprichado sabe. porque aqui tem gente de todo lugar, nordestino, cuiabano, paulista é uma mistura né...

SD 06 – SJE - Aqui não tem muita conversa, ‘diz que diz’ entende, aqui é gostoso, tudo é bem misturado não tem muito preconceito de raças, diferente lá do Sul que é bem forte o preconceito com gente de outras raças, lá todo mundo sabe de todo mundo porque todas as famílias se conhecem.

SD 07 - SJC - Ah quando eu morava lá eu tinha bastante preconceito com gente assim... gente preto afinal né..., mas aqui não, porque aqui tem gente de toda parte.

SD 08 - SJC - Não tinha nada que vê né... hoje não temos mais preconceito. Com a convivência com o povo daqui não temos preconceito, é preto, é branco é polaco é o que for, não temos mais preconceito, acho que ninguém devia ter esse preconceito.

SD 09 - SJC - Quando eu cheguei aqui eu fiquei com medo eu queria voltar não queria ficar aqui nunca, mas hoje eu não volto mais pra lá não, não quero ir mais de volta não.

SD 10 - SJD - O que eu senti é assim, que as pessoas aqui deixam você muito à vontade, é como se fossemos íntimos, às vezes até demais, eu fui morar no Alto da Glória a vizinha achava que a casa da gente era dela e lá no Sul não tem isso...

SD 11 - SJD - Me adaptei bem aqui tive oportunidade de construir bens materiais, minha formação acadêmica...

SD 12 - SJD - Tive a oportunidade de quebrar preconceitos; paradigmas porque lá (Sul) a gente pensava que aqui (RNEMT) não tinha nada, a primeira pergunta que eu fiz quando surgiu a possibilidade de vir embora pra cá foi: Lá tem hospital? Tem Médico? Achava que aqui as pessoas não eram civilizadas.”

SD 13 - SJD - A maior diferença que vejo entre aqui e o Sul é a maneira de falar, os hábitos, a maneira de comer, a cultura predominante aqui é a sulista, eu acho né... por alguns hábitos; o churrasco no domingo, o chimarrão na calçada no final da tarde. A outra parte é paulista, maranhense, mineira, mas o que predomina é o sulista, na música é o Sertanejo Universitário, mas depois a Gaúcha, e se é assim, é porque tem público né...

Para Indursky (2011, p. 201):

Discursividade refere-se aos diversos discursos dispersos e em circulação. [...] por um lado, estamos diante da forma que o discurso assume (sua textualidade) e, de outro, frente aos processos semânticos e aos efeitos de sentido que essa forma produz em sua circulação (sua discursividade).

De acordo com Orlandi (2001) a definição de Formação Discursiva diz que ela delimita “aquilo que se pode e deve ser dito por um sujeito em uma posição discursiva em um momento dado em uma conjuntura dada” A identidade sulista carregada de altivez presente no discurso do sujeito B - SD 05 “[...] mais lá do Sul né... porque o povo de lá é mais caprichado sabe.” torna visível o enraizamento de sua cultura, que resiste ao tempo e a mudança de região. A formação discursiva em que se inscreve o sujeito lhe oferece naturalidade ao afirmar que o povo sulista é ‘mais caprichado’.

Quando a materialidade discursiva do sujeito enunciador se filia ao conceito de ‘povo’ entendemos que há um deslize de sentido para ‘etnia’. Segundo Guimarães (2003, p. 96):

Quando falamos de lugares, falamos de etnias. Outras vezes, os discursos sobre origens são discursos sobre o modo de fazer certas coisas (por exemplo: “nós fazemos desse jeito, nós comemos um alimento cortando-o na diagonal e não na vertical, como que estão reivindicando, não somente uma origem comum, mas um destino político comum enquanto povo.

Para Orlandi (2007) o sujeito atribui imagens do destinatário, do referente e de si. Essas imagens condicionam o processo de elaboração discursiva, as quais remetem a mecanismos de funcionamento da linguagem: relações de sentido, relações de força e antecipação condicionadas pelas formações imaginárias.

O conceito de formação imaginária pressupõe outras três categorias (antecipação, relações de força e relações de sentidos), através das quais este conceito é capaz de se manifestar no processo discursivo.

De acordo com Orlandi (2007, p. 39) a antecipação, aponta para a “[...] capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar de seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem.” As relações de força no discurso são determinadas pelos lugares sociais ocupados pelos sujeitos enunciativos “[...] Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz.”

Já as relações de sentido estabelecem interdiscursividades com outros textos, uma vez que os discursos estão em contato constante uns com os outros. “[...] Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros.” O discurso do sujeito A quando se refere ao “aqui” RNEMT tem um atravessamento de sentido ao que se refere ‘acumular bens’. Isso também ocorre na SD - 11 “[...] Me adaptei bem aqui tive oportunidade de construir bens materiais, minha formação acadêmica...” Conforme Silva (2009, p.32) para Orlandi, “[...] o que funciona no discurso não são os sujeitos e os objetos em si, mas as posições discursivas produzidas pelas formações imaginárias.”

Na SD - 09 ‘[...] Quando eu cheguei’ e SD - 10 ‘[...] O que eu senti’, e ainda na SD - 13 ‘[...] eu acho né’, encontramos um sujeito que acredita ser dono do próprio discurso, porém segundo (Orlandi In Roversi, 2011, p. 66) “[...] quando na verdade o sujeito apenas retoma sentidos já existentes, já ditos por outros sujeitos.” Para Pêcheux (1997, p. 198), “[...] é constitutivamente colocado como autor de e responsável (por suas condutas e suas palavras) em cada prática em que se inscreve.” Esse processo ocorre pela determinação do complexo

das formações ideológicas e principalmente das formações discursivas no qual o sujeito é interpelado como responsável.

No discurso do sujeito E temos o fragmento ‘aqui é gostoso’ os gestos de sentidos dessa palavra estão filiados ao misturado e sem aversão à outras etnias antecipando o outro no imaginário desse sujeito que é o seu ponto de origem; a região Sul. O ‘lá’ está intimamente ligado ao (SD – 06)‘é bem forte o preconceito com gente de outras raças’³ trata-se de um deslize de sentido que remete ao desconfortável, ao etnicamente próximo a homogeneidade cultural, esta que vista como desagradável, pela questão da rejeição ao aspecto físico e elementos culturais do ‘outro’.

De acordo com Silva (op. cit., p. 32) “[...] sob o ponto de vista discursivo, a produção dos sentidos ‘ligados’ às palavras é um **efeito ideológico**. E a língua é o lugar material em que se pode observar o funcionamento discursivo, a constituição dos sentidos que se dá na relação da linguagem com a ideologia.” A formação imaginária sobre a RNEMT “[...] pensava que aqui (Sinop) não tinha nada.” “[...] Achava que aqui as pessoas não eram civilizadas.” foi resignificada na convivência com o novo espaço, o lugar inóspito deu lugar à oportunidade de melhorar de vida; “[...] me adaptei bem aqui, tive oportunidade de construir bens materiais, minha formação acadêmica...”

Orlandi (2001, p.34) considera “[...] a língua em sua própria ordem, como sistema significante sujeito a falha, inscrevendo-se na história para significar, na produção necessária do equívoco.” Portanto, o trabalho da interpretação do sujeito e suas ações, neste caso, devem aliar interpretação e ideologia levando em conta as relações de força que simbolizam.

A SD 06 “[...] não tem muito preconceito de raças.” Denuncia que há uma memória de preconceito, talvez um pouco desgastada pelo tempo, mas que permanece, seja através da história ou das ações. Em pesquisa realizada por Pacheco (2007, p. 09) a autora cita o caso de Sorriso cidade vizinha à Sinop onde o encontro da cultura sulista com a nortista produz uma grande barreira de preconceito e aversão a cultura alheia, segundo a autora a partir dos anos 90 após o fechamento de garimpos no Norte e Nordeste a RNEMT recebeu

[...] uma nova invasão de pessoas à procura de trabalho. Agora, são os “maranhenses”, também popularmente chamados de “nortistas” ou de “nordestinos”. Considerados inferiores aos “gaúchos brancos e competentes”, a eles caberia substituir os negros nos ofícios “menos nobres”, como a catação de raízes preparando a terra para o plantio da soja.

³ Ver mais sobre conceito de ‘raça’ em Guimarães (2003). Segundo Guimarães (2003, p.96) “[...] todos sabemos que o que chamamos de racismo não existiria sem essa idéia que divide os seres humanos em raças, em subespécies, cada qual com suas qualidades. Foi ela que hierarquizou as sociedades e populações humanas e fundamentou um certo racismo doutrinário [...] as raças são, cientificamente, uma construção social e devem ser estudadas por um ramo próprio da sociologia ou das ciências sociais, que trata das identidades sociais. Estamos, assim, no campo da cultura, e da cultura simbólica. Podemos dizer que as “raças” são efeitos de discursos; fazem parte desses discursos sobre origem.”

Entendemos que, o encontro dessas duas culturas proporciona um caminho para a desconstrução e re-significação da formação imaginária do outro, quebrando assim o preconceito, esse efeito se materializa no fragmento; ‘mas aqui não, porque aqui tem gente de toda parte’. Entendemos que o sujeito C objeto de nossa pesquisa, se adaptou ao multiculturalismo presente na RNEMT pela afirmação na SD “[...] não quero ir mais de volta não.” Sua vontade de permanecer e não retornar se materializa na aceitação do multiculturalismo e no sucesso econômico.

A questão da ascensão econômica se repete em discursos de vários sujeitos migrantes sulistas, como afirma Silva (2005, p.45) em seu artigo ao entrevistar uma família em Lucas do Rio Verde, município da RNEMT, “[...] hoje, os Tessele não querem voltar de maneira nenhuma para o Rio Grande do Sul. Não se arrependem do sofrimento. Dizem: 'hoje, lá uma pessoa da nossa idade tem no máximo uma bicicleta.’” Compreendemos que o Mato Grosso é o espaço onde o migrante sulista pode re-significar palavras como distância, diversidade, oportunidade e prosperidade.

Concluimos que a relação de lugar entre o aqui (RNEMT) e o lá (o Sul) na discursividade é marcada pelo contato com o multiculturalismo através das palavras ‘diferença na culinária, fala, música’, ‘não preconceito/ preconceito’, ‘não civilizados/ civilizados’, no entanto percebemos que há sempre algo na materialidade do discurso que está relacionado à semelhança, a manutenção da origem, dos costumes, e da identidade que veio se radicar no Mato Grosso mostrando que frente o multiculturalismo, o sujeito sulista re-significa algumas formações ideológicas, porém procura manter o afeto e os hábitos a identidade de origem. Assim como concluiu Silva (2005, p. 53) em sua pesquisa a busca da manutenção dos hábitos e dos costumes do povo sulista é bem marcado nas relações deste sujeito com novo espaço a RNEMT uma vez que, os elementos da cultura sulista estão mais presentes atualmente em suas vidas aqui na RNEMT que na própria região sul, “[...] porque com a ausência do lugar de origem, cria-se a necessidade de manter um elo identitário.”

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão proposta neste estudo, a partir da compreensão dos mecanismos de interpretação embasados na AD, é de como se constituíram os discursos de migrantes da região Sul que vieram para o Norte mato-grossense, e como as Formações Imaginárias afetaram esses discursos produzindo sentidos. Para tal compreensão do objeto de estudo foi necessário tomar as Formações Ideológicas que constituíram essa prática discursiva e as suas

possíveis ideologias evidenciadas na materialidade do discurso, tornando possível, gestos de interpretação constitutivos do sujeito migrante.

Também foi possível compreender, que os processos de significação e identificação dos sujeitos da pesquisa se evidenciam pelo trabalho da memória discursiva e pela memória histórica, emergindo nos discursos através de equívocos e lembranças, as análises nos permitiram entender que a cultura sulista encontra-se enraizada nas falas e práticas de um sujeito migrante que está em transição de uma cultura de marca identitária sulista para a emersão da multiculturalidade crescente na RNEMT.

**MIGRACIÓN SUREÑA PARA EL NORTE DE MATO GROSSO:
el discurso del sujeto surbrasileño frente a la multiculturalidad en la región de frontera
agrícola de la Amazónia del Norte de Mato Grosso**

RESUMEN⁴

Este estudio tiene como objetivo analizar el discurso del sujeto migrante surbrasileño y su descendiente frente a la multiculturalidad en la Región Norte del Mato Grosso. Para el análisis del corpus hemos utilizado los conceptos del Análisis del Discurso (AD) de línea francesa, basándose en textos de Eni Orlandi, Freda Indursky, Michel Pêcheux. Este artículo propone una reflexión sobre los procesos de identificación de este sujeto con el tema de la diversidad cultural de la nueva tierra, la Región Norte del Estado de Mato Grosso.

Palabras clave: Sujeto surbrasileño. Multiculturalidad. Análisis del Discurso. Norte del Mato Grosso.

REFERÊNCIAS

CONOMALI. **Família Abegg recém chegada à Gleba Arinos, Porto dos Gaúchos – MT 1956.** Disponível em <<http://www.conomali.com.br/>>. Acesso em: 26 maio 2012.

_____. **Partida de Santa Rosa – RS das famílias gaúchas em direção a Gleba Arinos (atual Porto dos Gaúchos) para se radicar no Norte de Mato-Grosso, 19 de Março de 1956.** Disponível em <<http://www.conomali.com.br/>>. Acesso em: 26 maio 2012.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em sociologia In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 93-107, jan./jun. 2003.

⁴ Tradução realizada por Fernando Hélio Tavares de Barros (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

INDURSKY, Freda. A Luta pela Terra: borrando limites entre o rural e o urbano. In: Eduardo Alves Rodrigues et al. (Orgs.). **Análise de Discurso no Brasil: pensando o Impensado Sempre** - uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas: Editora RG, 2011.

OLIVEIRA, Cristiane. **A Saga dos Guardiões da Floresta: uma viagem emocionante à história do setor de base florestal de Mato Grosso**. Sindusmad/Print. Sinop, 2011.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007.

_____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

PACHECO, Tania. **Desigualdade, injustiça ambiental e racismo: uma luta que transcende a cor** 2007. Disponível em: < <http://www.justicaambiental.org.br/>>. Acesso em: 21 maio 2012.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. (AAD69). In: GADET, F.; HACK, T. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997. p. 61- 162.

PICOLI, Fiorelo. **Amazônia: a ilusão da Terra prometida**. Sinop: Ed. Fiorelo Picoli, 2004.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Matuchos: exclusão e luta – do Sul para a Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1993.

SANTOS, Luiz Erardi F. **Raízes de Sinop**. Sinop: Grafitec, 2007.

SILVA, Larissa Kashina Rebello da. **A migração dos trabalhadores gaúchos para a Amazônia Legal (1970-1985) III** - Os projetos de colonização da Amazônia e suas oposições. **Revista Klepsidra**, 2005. Disponível em: < <http://www.klepsidra.net/>>. Acesso em: 21 maio 2012.

SILVA, Mariza Ganança Teixeira da. Outros Sentidos Para Os Galhos Secos. In: LOGNINI, Carmen Zink; PFEIFFER, Claudia; LAGAZZI, Suzy (Orgs.). **Discurso e Ensino: práticas de Linguagem na Escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2009. p. 31-38.

SOUZA, Edison Antonio de. **Sinop: História, Imagens e Relatos**. Um estudo sobre a sua Colonização. 2. ed. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2006.